

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

Director e proprietario
Anselmo de Souza

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA, NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898
Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes e Associação dos Caçadores Portuguezes

Editor responsavel
F. S. Pedrozo Junior

Annuncios
Nacionais e estrangeiros preço convencional
Typographia — Rua de S. Paulo 216

Quinta-feira, 15 de março de 1900

Assignatura paga adiantada
Lisboa, 3 mezes 300 reis
Provincias, 6 mezes 680 *
Numero avulso 60 *

TIRO

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

COMISSÃO EXECUTIVA

ACTA N.º 30

Sessão em 5 de março de 1900

As 9 horas da noite, estando presentes os srs. Anselmo de Souza, Antonio Correia Pinheiro, Vieira da Silva (filho), Ignacio José Franco, Eduardo Noronha e o membro da comissão fiscal Crysogono Nunes Pinto, o sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foi lida a seguinte correspondencia:

Officio do sr. Athayde d'Oliveira agradecendo o officio que esta comissão lhe enviou; convite do Real Gymnasio Club para o seu sarau de 26 do ultimo, e relatório do Real Velo-Club do Porto. Proposta para a admissão de socio ordinario do sr. Narciso Alves Caldeira.

O sr. presidente faz as seguintes communicacões: que o sr. Antonio Joaquim Rodrigues, um dos mais prestimosos socios da antiga A. A. C. P. e hoje da União, atirador muito distincto, lhe participara a sua partida para Benguella em 11 do corrente, e lhe pedira communicasse á comissão que n'essa possessão ultramarina punha o seu prestimo inteiramente á disposição da sociedade, em vista do que propunha que elle fosse nomeado delegado da União em Benguella.

Que a imprensa da capital se referira nos ultimos dias expontaneamente á instituição do *Tiro Nacional* e ás enormes vantagens que da sua implantação poderão advir ao paiz, tecendo phrases extremamente lisonjeiras para esta sociedade que é unanime em considerar como principal motor da propaganda que n'este sentido ultimamente se tem feito, que os jornaes a que se referia tinham sido *O Seculo*, *Diario de Noticias*, *Dia*, *Vanguarda*, *Popular*, *Patria*, *Folha do Povo* e *Novidades*, por isso que eram os que tinha visto, não sabendo se algum outro tambem se referira ao *Tiro Nacional*.

O sr. Noronha faz as seguintes propostas:
Que se pense em adoptar para a futura epocha um alvo privativo da sociedade, o que lhe é permitido pelo regulamento da carreira.

Que sejam nomeados os socios srs. Crysogono Nunes Pinto, Vieira da Silva e Maximiliano Herman para estudar este assumpto, apresentando á comissão proposta do alvo a adoptar bem como orçamento para a sua installação.

Admittidas estas propostas e não tendo discussão foram approvadas por unanimidade.

Tomaram-se as seguintes resoluções:
Agradecer o convite para o sarau do Real Gymnasio Club e a remessa do relatório do Real Velo-Club do Porto.

Admittir a socio ordinario com o numero de matricula 250, o sr. Narciso Alves Caldeira.

Encarregar os srs. Anselmo de Souza, Vieira da Silva (filho) e Crysogono Nunes Pinto para em nome da União apresentar as despedidas ao socio Antonio Joaquim Rodrigues. Pedir a este mesmo socio se digne representar como delegado a União em Benguella, conferindo-lhe para esse fim a competente credencial e solicitar-lhe que buscasse organizar ali uma sociedade de tiro e desenvolver o gosto por tão util instituição.

Por proposta do sr. presidente dirigir á imprensa um officio agradecendo os seus artigos sobre *Tiro Nacional*, pedindo-lhe com interesse a continuação de tão efficaz propaganda.

Não havendo mais assumpto a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 e meia da noite.

O secretario

Eduardo de Noronha.

Torneios

1.º — EM 4 DE MARÇO DE 1900

Alvo a 300^m, 2 zonas, 10 tiros, arma Kropatchek 8^{mm}

	Vermelhas	Branças	Total
E. Kesselring	4	6	10
J. Aldim	5	4	9
A. F. Pinto Basto	3	6	9
R. Rogenmozer	3	4	7
A. Correia Pinheiro	3	4	7
J. Consiglieri Pedrozo	2	5	7
J. S. Padesca	3	3	6
G. Portocarrero	1	5	6
A. Leuzinger	4	1	5
P. G. Carvalho	3	2	5
J. F. Pery de Linde	—	5	5
J. Vieira da Silva Junior	2	1	3
M. Hermann	—	3	3
J. H. Mendonça Junior	—	2	2
M. A. Barata	—	2	2
L. A. C. Saraiva	1	—	1
G. J. de Jesus	—	1	1

Jury os srs. dr. A. M. da Cunha Bellem, Anselmo de Souza e Eduardo de Noronha.

Foram premiados os dois primeiros classificados. O sr. Kesselring cedeu o seu premio á União.

2.º — EM 11 DE MARÇO DE 1900

Alvo a 300^m, duas zonas, 10 tiros, arma Kropatchek.

	Vermelhas	Branças	Total
A. F. Pinto Basto	4	5	9
M. Hermann	3	6	9
A. Leuzinger	4	4	8
E. Kesselring	2	6	8
J. M. Carvella	4	3	7
G. Portocarrero	2	5	7
J. S. Padesca	1	5	6
P. G. de Carvalho	4	1	5
J. Vieira da Silva Junior	3	2	5
J. Aldim	1	3	4
J. Consiglieri Pedrozo	—	1	1

Jury os srs. Anselmo de Souza, Eduardo de Noronha e Pedro José Ferreira.

Premiados os dois primeiros atiradores. Os premios de cada torneio, eram, um de 100 cartuxos e outro de 50.

Antonio Joaquim Rodrigues

No dia 11 partiu para Benguella, no vapor *Benguella*, este nosso querido amigo e assignante. Na occasião do embarque tivemos o ensejo de lhe entregar um officio da comissão executiva da *União dos Atiradores Civis Portuguezes* conferindo-lhe o poderes de seu delegado n'aquella localidade; foi justo, Rodrigues é um dos bons atiradores e conhecedor do manejo da arma de guerra.

O *Tiro Civil* vae tel-o por seu representante em Benguella, favor que muito lhe agradecemos. Um fraternal abraço, boa viagem, e boa fortuna.

LITTERATURA

Nove caçadas
ás perdzes em Valle do Pezo

(Continuado ao n.º 180)

II

E não me faltavam tambem, ainda, os ferros, já com os tiros que errava, — a que sempre procurámos desculpa que, em

consciencia, a não tem, — já com os que ouvia aos outros — que sempre nos parecem muitos, e que desejamos, no interesse da caçada, acertem, mas, em relação a nós, preferimos não matem — nem com as zangas da mal dada volta, — por cada um assim julgada quando não encontra a caça, que achada e morta pelos outros attribuímos só á sorte.

A amisade converte estas invejosas zangas em rivalidades de que o bom e livre ar dos campos dissipa facilmente o azedume. Fziam-me rir, (mas só depois); como ainda agora rio, e mais, ao recordar as discussões que irrompiam ás vezes em gritos que punham nas azas as perdzes para aproximar das quaes toda a recommendação de silencio se fizera pouca!

Eram as minhas desintelligencias mais frequentes com o Sousa, e, por mim, não mais, nem mais insistentes n'aquelles sitios, por cortezia, no que lucrava eu em ficar só elle o teimoso.

Estava a principal causa da desintelligencia nos nossos diferentes feitos: Eu optimista vendo tudo cor de rosa; elle achando tudo mau e fallando *á priori* mal de tudo. Eu, mercê de Deus, de anno para anno mais alegre, (alegria que espero não seja demencia ainda); elle sempre triste, e, cada vez mais, como o mostra a sua seria cara.

Eu arrastando o meu peso de noventa kilos, methodicamente levado pelos meus educados musculos; elle, sem musculos nem peso, com os nervos e a vontade de aço, galgando, sem medida, montes e valles, extenuando gente, cães, caça e tudo!

Era — e é — o seu caracter digno, e recto o seu espirito; pois nem mesmo n'esse terreno, — menos firme eu — o acompanhava e acompanho na intransigencia com que julgava e julga as fraquezas extranhas.

Mas afinal de contas eram divergencias infantis as que tinhamos, — todos — proprias de caçador, de impressão de momento, sem opinião formada, e que sustentavamos, as mais das vezes, sem convicção e só para polemica.

Assim, logo no comboyo, dizia um *preto* só porque o outro dissera *branco*; e via-se o Sousa trazer um casaco de borracha que na vespera dissera não ser preciso, este calçando botas em vez de polainas, com que assegurára só poder caçar, aquelle trazendo cartuchos de polvora branca que era de opinião antes ser inferior á negra. Tal ia, que não admittindo bagagem que para ser portatil não fosse dividida, a reunião toda n'um só volume que só como mercadoria se poude despachar. Este «tal» era eu. E o *omnia mecum roto* do Oliva — sentença por todos repetida, — só era verdade mesmo n'elle quando, ás vezes, toda a sua bagagem consistia n'um pente e n'uma escova de dentes que levava na algibeira.

A uma das caçadas levei eu um perdigueiro que tanto bastou assegurar não

haver igual em perfeições, para todos, sem nunca o terem visto nem d'elle sabido, dizerem logo, á uma, não prestar para nada.

Mas a verdade é que eu tambem ainda o não tinha visto. Ia na gaiola, onde o Joaquim Luiz o metterá, rapidamente, na Azambuja, na passagem do comboyo; e, antes, só cachorro de mezes o vira. Tinha, porém, a sua arvore geneologica attestada com diplomas de avós e paes distinctos, galardoados em exposições e concursos, remettida pelo consul geral em Hamburgo, que fôra quem m'o mandára, e que, eximio caçador, me dava dupla razão para portar por fé no que a seu favor dissesse. E tinha as informações do Joaquim Luiz, o meu caçador de Aveiras de Cima, onde elle, havia um mez praticava, dizendo-me elle «não conhecer nenhum parecido, e com focinho tão grande», que «anunciava e seguia bem o rasto» e «trazia á mão a caça viva como a morta».

Para distincção correspondente a tantas qualidades comprára-lhe eu uma coleira, cara e vistosa, no Mesquita, em que mandára gravar o nome de *Rheno*, que lhe posera para gloria da sua patria, junto ao meu e, sobrepostos ambos de uma corôa para os outros cães sabermos quanto eu o considerava.

Estava impaciente por chegar ao Pezo para confundir os meus companheiros com a maravilha. Devia por certo ser, na fórma um esbelto *pointer*, de setinoso pêlo deixando vêr as veias nos corvillhões, de fina orelha, bem cahida, de focinho de bom talhe e de direita e delgada cauda.

Uma hora antes estava eu já de pé, de espingarda e manta nas mãos, prompto a saltar pela portinhola — o que, aliás, succedia sempre que o Augusto entendido dos sitios e das horas, nos avisava do proximo desembarque.

A impaciencia converteu-se, á chegada em desapontamento, quando o não vimos na gaiola d'onde, ao tirarem outros, o haviam deixado fugir; e, em cuidados de o ter perdido, e da falta que me faria á caça, lá seguimos até ao logar — ainda distante da estação, pela estrada que os esgrouviados eucalyptos aromatisavam — a pé, acompanhando a carreta da bagagem, julgando eu ver o fugido cão a cada passo, á frouxa luz da delgada lua, quando os cães dos outros por mim passavam nas suas constantes correrias.

As luzes, a risonha Maria José a esperar-nos com o chá e a canja; o Carlos Silva, — o caçador de Vendas Novas que o Sousa contractara para o acompanhar em vez do Manso, — a annunciarnos abundante caça; a quente cama, o levantar do claro auspicioso seguinte dia, e afinal o almoço, o das seccas migas e do saboroso lombo, acompanhado dos goles do rubro vinho, tudo gradualmente me trouxe serenidade ao espirito e a esperança de que, mesmo sem cão, a sorte me daria boa caçada. Mas quando, na rua já, com os ceifões postos, cartuxos á cinta, e a espingarda sobraçada, ou ao hombro, assobiando e castigando os perdigueiros que fugiam ou ladravam, desciamos a rua, ouvimos uma voz, atraz gritar: «aqui está o cão!» que nos fez resvalar, na rapida volta, as pregadas solas na calçada. «Mas onde,» perguntava eu, lançando a vista ao longe, e vendo perto um humilde bicho que um garoto de pé descalço arrastava pela corda de esparto com que o prendera pelo pescoço. Era um cão a que as curtas e curvas pernas mal affastavam a barriga do chão, de focinho desmarcado e agudo como de porco; tinha as orelhas espalmadas e duras parecidas com as de elephante, o pêlo

hirsuto e longo, e uma cauda descomunal, de pennacho, que ora lhe servia, quando tímido, de sendal que só a Camões é permittido descrever, ora, quando alegre, de arrogante flumula.

Não podia ser esse o meu *Rheno*. Mas porque não? se as suas bellas fórmas só as tinha forjado eu na phantasia.

E n'aquelle momento considerava que o Joaquim Luiz me não enganára, não sendo na realidade facil encontrar outro cão tão feio, nem com um focinho tão grande, — «focinho» que, erradamente ainda, eu tomára no sentido de «ventas».

Sobre as suas obras tive occasião de ver, em seguida, que não me enganara o Joaquim Luiz egualmente.

A pujante cauda em estandarte dava, effectivamente, bem visível signal de quando lhe cheirava a caça, e tão acertada e vigorosamente lhe entrava no rasto que a levantava sem parar. E quanto a trazel-a á mão, na realidade tão bem o fazia estando a caça viva como morta, porque de todo o modo não a trazia, comia-a elle.

Para poupar o meu nome á vergonha, lhe não teriam posto, talvez, a coleira de que eu o via n'aquelle occasião despido. Só podia portanto queixar-me de mim e ficar-lhe ainda em cima agradecido.

Se não tivesse aprendido de creança que «fazer mal aos animaes é signal de mau character» ter-lhe-ia dado um tiro, mas d'isso se encarregou, passado pouco tempo, o Joaquim Luiz, dizendo-me que fôra por se haver damnado.

Mas não pára aqui a já longa historia d'este cão. Do inquerito na Allemanha vim a saber, depois da sua morte, que a leviana mãe, de boa estirpe aliás, tivera no alvôr da maternidade um idyllo com um *basset*, e que nos productos dos seus futuros legitimos consorcios apparecia de quando em quando, — para seu castigo ou para seu goso (vão lá advinhar o estado da sua alma) — aquella reminiscencia hybrida dos primeiros amores. Desde esse momento, de hediondo e odioso que o vira como perdigueiro puro, comeci a vel-o, de novo na imaginação, como bello e romantico representante do seductor, e a sentir a dôr — não já possivel de reparar, a não ser na memoria — da offensa que fizera a esse pobre bastardo quando o condemnava por defeitos que eram qualidades do sangue de seu paé.

Não foi boa a caçada, n'este e nos dois seguintes dias que durou, mas não foi do meu cão a culpa, apesar da distração que dava aos meus companheiros a troça pegada em que por causa d'elle me trouxeram todo o tempo. Foi outra a causa. Estavamos no meado de fevereiro, conheciamos os terrenos, mas não se traziam contadas as perdizes, como é preciso, para, na sua escassez do fim da estação, procurar melhor as que no principio dos amores ficam ferradas, e que, achadas, compensam as que nas bandas dispersas se levantam, em geral, n'este tempo fôra de tiro. Não se prestava a este modo de as buscar o nosso genero de caça, proprio dos mezes de novembro a janeiro em que de ordinario as faziamos; nem o permittiria o numero de espingardas, em que mais de tres o tornam impossivel, nem a impaciencia do que dirigia a caçada a quem o nosso agradecido estomago obrigava a não contrariar.

Em linha estendida, nos logares que a palhinha designára, á excepção das pontas que elle e outro, mais conhecedor tambem do terreno, faziam, iamos, seguindo-o, elle sempre para diante, e nós vendo-as voar fôra do alcance do chumbo — quando as via-

mos. Assim não raro era recolhermos no fim do dia com um rebanho de chibatós, e ouvir o Sousa, com o casaquinho de linho branco immaculado do sangue com que annunciára de manhã trazel-o tinto, dar por certo ter havido uma epizootia que as destruiu todas e exclamar «não ha nada.»

Nos mesmos sitios, porém, nos taes mezes de inverno em que depois caçavamos, tinham ressuscitado e saltam, em bandos numerosos, ao extremo das mattas de giestas, dos esteveas e do alto das sobreiras nos montados, ou, mais presas, e melhores de matar das baixas carvalheiras, entre os granitos, ou, melhor ainda das tojeiras. Por aquelle processo se caçavam então bem, e muitas para o já adeantado da estação, como ao mesmo tempo, lebres, (n'alguns annos notavelmente abundante) coelhos, galinholas etc. Nas nove caçadas morreram:

354 perdizes,
40 lebres,
23 gallinholas,
20 coelhos,
4 narcejas,
4 alcaravão,
2 codornizes,
1 pombo.

E, para gloria do meu amigo, aqui transcrevo dos registros d'onde extrahi estas notas, o total das peças por elle colhidas em mais outras caçadas em toda aquella região, auxiliado, por duas espingardas em media:

906 perdizes,
83 lebres,
88 coelhos,
56 gallinholas,
33 codornizes,
2 narcejas,
5 pombos,
1 alcaravão,
5 rolas,
1 tarambola,
1 sisão.

Matava elle, em geral, mais do que os outros. Andando muito, atirando bem, e conhecendo melhor o terreno, era natural que tal succedesse, ainda quando não tivesse o apoio que lhe davam n'estas caçadas consideradas suas, uns por obrigação, outros por cortezia.

(Continúa.)

CAÇA

Contra a lei de caça

Acentua-se cada vez mais a opposição ao projecto de lei, que o anno passado foi presente ao parlamento, e, sendo considerado como nocivo aos interesses dos caçadores, principalmente o *coutamento*, por isso protestam por todo o paiz, energicamente, contra a sua approvação.

Não são só as associações constituídas, que existem, são tambem os caçadores das localidades, onde não ha aggremações regulares.

Em Setubal vae fundar-se uma associação, para que, logo que esteja constituída, mandar um protesto ao parlamento.

A *Associação dos Caçadores da Covilhã* resolveu mandar o seu protesto por intermedio do deputado da localidade.

A *Associação dos Caçadores do Norte* já approvou uma representação ao parlamento, protestando contra a approvação do projecto de lei sobre a caça.

A Direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes, em sessão, resolveu pedir a convocação da assemblea geral para discutir o assumpto; esta reunião é em a noite de 20 do corrente; os membros da associação são, com raras excepções, contrarios ao projecto.

O Club dos Caçadores do Porto approvou uma representação redigida pelo nosso amigo sr. B. de Sá, para ser enviada a El-Rei.

Cabe as honras d'este bem dirigido movimento á prestimosa Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto, cuja direcção constituindo-se em sessão permanente tem recebido inenquívocas provas de quanto a sua resolução tem sido bem apreciada por todos os caçadores.

A nós foi-nos dirigido pela direcção o seguinte officio:

A Associação Protectora de Caça em Tempo Defezto, a mais antiga associação de caçadores da capital, vem por esta forma solicitar o valioso e indispensavel apoio do jornal que v. tão dignamente dirige, a favor de uma causa tão justa e de tanto interesse para o paiz como é a da regulamentação da industria extractiva da caça, que se pretende agora tornar em monopolio exclusivo de ricos, atropelando por completo a liberdade dos caçadores, que as leis vigentes tão sabiamente respeitam. A nação, que por parte de todos os caçadores do paiz se tem levantado contra o projecto de lei de caça que pretende implantar o regimen do *coutamento*, mostra bem a justiça da nossa causa e justifica o nosso pedido.

Os trabalhos a que no periodo de cinco annos esta associação tem procedido para a manutenção do defezto e o plebiscito a que procedeu, habilitam-a a garantir que a opinião dos caçadores é que a lei actual, quando rigorosamente cumprida e respeitada, satisfaz plenamente a idéa de protecção que se tem em vista conceder á caça, equilibrando os direitos de propriedade com o d'aquelles que procuram na caça o seu ganha-pão, e por vezes o seu exercicio predilecto ou hygienico.

Deus guarde a V., sede da Associação Protectora de Caça em Tempo Defezto, em 10 de março de 1900.

Sr. Redactor do jornal *O Tiro Civil*.
O Presidente da Direcção. — J. P. G. Paiva.
O Presidente do Conselho Fiscal. — J. D. Wagner.

Temos no devido apreço a sollicitação que nos é feita pela direcção d'esta respeitavel associação a qual tivemos a honra e a satisfação de ajudarmos a fundar.

Como todos sabem a nossa revista é, quanto possivel, imparcial, publicando todas as reclamações e respeitando todas as opiniões, venham de que lado vierem, estejam, ou não, de accordo com o nosso modo de vêr.

E' de justiça dizer que o projecto desagradá á quasi totalidade dos caçadores, como em muitos pontos nos desagradá a nós; por este motivo, a par das aggremações e caçadores isolados, vemos muitos dos jornaes da provincia, em lucta aberta, contra o decantado projecto.

Em Lisboa o nosso estimado collega *O Seculo*, todos os dias se occupa do assumpto, publicando protestos, telegrammas, etc. no que presta grande auxilio aos adversarios do projecto.

Por nossa parte se não estamos de accordo com o projecto, tambem, entendemos que é de absoluta necessidade, sobre tudo, dar uniformidade aos regulamentos que enchameiam por todo o paiz, principalmente no que respeita ao começo e fim de *defezto*; um dos grandes defeitos para bem se fiscalisarem as actuaes leis é a variedade das epochas, de conelho para conelho, em que o *defezto* acaba. E' tambem opinião nossa, embora ella desagrade a muitos, que durante o *defezto* não deve ser permittida a caça a especie alguma, assim como se deve acabar de vez, com a apa-

nha dos pobres passaritos, que nenhum mal fazem, que nos delectam com os seus cantares, e que a sua extinção, como já scientificamente está provado, é de funestas consequencias para a agricultura e civicultura.

Suppomos que o parlamento não approvará a lei, no que dará provas de respeito pela opinião publica, e fazemos votos para que os seus auctores transigam por forma, a que, salvaguardando os interesses dos caçadores, se tenha em conta, que a caça, é uma das riquezas publicas, que serve, tanto para os ricos como para os pobres.

Legislar, devesse armonisar e salvaguardar os interesses geraes, sem crear privilegios que offendam e que cerceiem as já poucas liberdades que restam.

Em seguida publicamos parte do que sobre o assumpto nos foi enviado, e publicaremos sempre que o podermos fazer, attendendo ao limitado espaço de que dispomos.

Repisando ácerca do projecto de lei sobre caça

Devido, talvez, ao que escrevi no n.º 179 d'este jornal, está de novo iniciado o movimento de protesto contra algumas disposições do projecto de lei sobre caça, que consta voltar este anno ás camaras legislativas.

O projecto é, como se sabe, da iniciativa dos srs. drs. Paulo Cancellá e Henrique Anachoreta, e nasceu da discussão sobre o assumpto travada no *Tiro Civil* em 1896.

Um tanto modificado, foi presente, na legislatura passada, á camara dos srs. deputados pelo sr. Franco Frazão, e, impugnado pelo sr. dr. Tavares Festas, foi mandado, para examinar, á commissão de administração publica, que novamente o modificou, voltando o projecto á camara com o parecer d'esta commissão e o da commissão de legislação civil, ambos favoraveis ao referido documento.

Ou porque as côrtes, que fecharam um tanto precipitadamente, não tivessem tempo de o discutir, ou por outro qualquer motivo, o projecto não passou, felizmente, e agora eil-o de novo na discussão dos interessados.

D'ambas as commissões que o approvaram fazia parte o sr. dr. Tavares Festas, que se mostrou hostil aos *coutamentos*, como é justo, mas que, de certo sem dar por isso, os deixou passar, disfarçados, menos dispendiosos e mais faceis d'obter, segundo as palavras que se lêem no n.º 3.º do art. 17.º, depois da palavra *murados*; palavras que estão mesmo a pedir *coutamentos* sobre *coutamentos*, de todos os tamanhos e feitios, sem que nem ao menos o estado aфирá coisa alguma d'esse privilegio, contra o qual as alludidas commissões parlamentares se manifestaram, pelo que dizem nas palavras que que fizeram a apresentação do projecto.

Na discussão d'este documento tem tomado uma parte bastante activa a Associação Protectora da Caça em tempo defezto, sendo a seu pedido que n'elle se incluiu a condemnada disposição, que permite a caça das codornizes depois do dia 20 de junho!

Esta associação, uma das mais sympathicas collectividades venatorias, tem corrido bem para que se expurgue o projecto de lei sobre caça de que me venho occupando; por isso mesmo, e porque o sr. dr. Tavares Festas é o seu presidente-director, não deve querer que tão nefanda disposição continue a fazer parte do projecto, bem como outras que parecem ser com aquella aparentadas.

Não posso lêr com bons olhos o artigo 23.º, que determina duas epochas de caça diferentes, e muito menos o seu § 2.º, que faculta aos governadores civis a concessão de se poder caçar ás aves de arribação depois do dia 20 de junho.

Pois se até agora tudo tem sido difficuldades para se poder fiscalisar bem o defezto, não se permittindo especie de caça alguma, como se ha de, approvado que seja este paragrapho, poder fiscalisar depois?

Não poderá qualquer que queira illudir a fiscalisação lançar mão d'uma espingarda, matar com ella a caça que mais lhe agrade ou aquella que lhe apparecer, encobrin-do assim, artificiosamente, toda a casta de transgressões que pratique e tente praticar?

Isto só não é visto pelos cegos ou por quem não queira vêr.

O paragrapho em questão é, além d'isso, contrario aos bons principios e desharmonisa-se abertamente com as leis da criação; pois é sufficientemente sabido que em julho e agosto muitas aves chocam ainda os ovos, e outras não teem attingido o seu completo desenvolvimento, como muitas o não teem attingido ainda em setembro.

A questão das licenças, que tanto se tem debatido, ainda não está resolvida pelo projecto: a palavra *arma* em vez de *arma ou armas* e as que dizem no *exercício da caça*, que se vêem no artigo 3.º, significam, para quem as interpretar como deve ser, que o caçador, em viagem, por exemplo, não pode levar consigo uma arma sem licença especial; e se quizer levar mais do que uma tem de se munir de tantas licenças quantas forem as armas de que se fizer acompanhar.

A licença de caça deve dar ao caçador o direito ao uso e porte d'arma ou armas caçadeiras durante todo o tempo da sua validade; portanto é n'estas condições que deve redigir-se, muito claramente, o art. 3.º do projecto de regulamento sobre caça.

Porto, março de 900.

B. DE SÁ.

Lei de caça

Está novamente na tela da discussão o antigo projecto de lei de caça dos srs. drs. Paulo Cancellá e Anachoreta.

A despeito da opposição que em toda a linha lhe foi feita da outra vez, diz-se que estes cavalheiros vão de novo apresentar-o ao parlamento, na certeza anticipada de lhes ser approvado.

Acho extraordinario que gostem de concitar contra si a animadversão da quasi totalidade dos caçadores portuguezes, quando não são dos mais infelizes, nem dos que luctam na caça com mais difficuldades, inclemencias e contrariedades, antes podem sempre caçar em circumstancias superiores ás dos demais devotos de Santo Huberto.

Mal avisados andam, pois, em querer á viva força restringir garantias sacratissimas, que nenhum caçador deixará arrebatá sem um protesto serio, vehemente, energico, vibrante de indignação.

Se em lugar de restricções, tivessem a feliz lembrança de introduzir no projecto mais liberdade e garantias, já se vê, dentro da maxima ordem, então sim, então é que teriam conquistado as geraes sympathias.

Mas tornaram-se coniventes n'uma verdadeira *extorsão*!

Da sua intelligencia e illustração não era justo esperar coisa tão desarrazoada.

Eu tenho dito muitas vezes que não é por capricho nem má fé que defendem á

outrance o seu projecto, antes estão intimamente convencidos da utilidade e bons resultados futuros que d'elle advirão.

E acrescentava que só isso poderia levar a *remarem contra a maré*, a destoarem da opinião geral.

Infelizmente, porém, os caçadores desfazem-me esta illusão com corollarios diametralmente oppostos aos que apresentam.

Basta o seguinte para me convencer e para convencer toda a gente:

«Permittindo-se as coutadas em aberto, é claro e evidente que os *influentes* e proprietarios coutarão os pontos, terrenos ou logares onde houver caça» (onde não a ha, seria tolice.)

Logo... os caçadores que não forem *influentes*, ricos, remediados ou proprietarios, teem que ir caçar... aonde?

Provavelmente mosquitos na Outra Banda.

Eis porque na consciencia da maioria dos caçadores estão condemnados os coutos.

*

Do projecto do sr. dr. Tavares Festas já tive occasião de dizer que, embora muito mais liberal que o outro, está comtudo mui longe de ser completo, isto é, de satisfazer inteiramente ás circumstancias da actualidade e á maioria dos caçadores; só depois de revisto e ampliado em sessão magna dos caçadores, é que ficaria em boas condições de poder ser convertido em lei.

*

Do que os caçadores devem tratar esta época é de obter da companhia dos caminhos de ferro uma tabella mais razoavel para o transporte dos cães e egual vantagem das camaras para as licenças, pois que o demonio da lei do sello veio agravar-as enormemente.

E por hoje tenho dito.

7-3-1900.

J. M. DE GOUVEIA.

Visconde de Athougua

Segundo nos consta, é este nosso estimado amigo e assignante, que na camara alta apresentará o protesto contra o projecto da lei de caça.

A escolha não podia ser melhor; parlamentar distincto, caçador amador de *élite*, aliando estas qualidades a uma robusta intelligencia e a um primoroso caracter, é segura garantia, aos interesses que lhe forem confiados.

Associação dos Caçadores Portuguezes

Esta prospera collectividade, com a sua nova direcção, entra n'um periodo de actividade que esperamos será de profucios resultados.

Como já n'outro lugar dizemos, por proposta da direcção deve reunir a assembléa geral em a noite de 20 do corrente para se discutir o projecto de lei de caça; é de suppôr que elle seja rejeitado por grande maioria.

Foi nomeada uma comissão composta dos srs. Carlos Quintella, D. Luiz da Cunha, Almeida Lima, Luiz Wasa de Andrade e Esteves de Carvalho, para tratar de tudo que diga respeito ao *defez*; esta comissão já tem reunido varias vezes.

A direcção estuda com a maior attenção a aclimação de novas especies, taes como a perdiz cinzenta e a da California, que tudo leva a crêr terá facil e abundante reproducção em o nosso paiz.

O sr. D. Luiz da Cunha foi pelos seus collegas da direcção encarregado do canil. A associação, que já possuia magnificos exemplares, vae adquirir mais alguns, além de 2 cadellas perdigueiras e 1 cão que chegou ha pouco.

Sociedade de tiro aos pombos

(TAPADA DA AJUDA)

Realisou-se no dia 16 de fevereiro o 8.º tiro da época d'esta sociedade, em que tomaram parte sete atiradores:

El-Rei, conde de Ximenes y Molina, Thomaz Rosa, Trindade Baptista, Manuel de Castro Guimarães, Jorge Burnay e Carlos Duarte Luz.

Houve 7 series, 5 a tiro simples e 2 a tiro dobrado, sendo mortos 69 pombos em 117.

Ganharam as pulas:

El-Rei 1, conde de Ximenes y Molina 3 e Thomaz Rosa 3.

El-Rei chegou já depois de ter começado o tiro e retirou muito antes de acabar.

— Teve logar no dia 10 do corrente o 9.º tiro da época, em que tomaram parte tres atiradores.

El-Rei, conde de Ximenes y Molina e Carlos Duarte Luz.

Fizeram-se 10 series a tiro simples, sendo mortos 45 pombos em 70.

Ganharam as pulas:

El-Rei 6, conde de Ximenes y Molina 3 e Carlos Duarte Luz 1.

El-Rei atirou sempre de 4 metros mais longe e com espingarda de adarme 20.

Antes de começar a sessão do tiro, El-Rei entreteve-se a atirar ao alvo com pistola e espingarda.

Vão adiantados os trabalhos de alargamento do recinto do tiro e do jogo do *lawn tennis*.

Depois de tudo desaterrado e nivelado fica uma pista de 1.ª ordem.

MUSICA

COISAS D'ARTE

VIII

(A um amigo que vive em Africa)

Depois da minha ultima, alguma agua caiu em cima das pontes e muita outra lhes passou por baixo...

Houve tempestades no ceu e borrascas na terra, e se lá nas alturas nem sempre foi perfeita a chamada harmonia das espheras, cá nas regiões inferiores varias dissonancias bruscas quebraram por momentos a pacatez banal d'esta cidade antiga...

E como ao presente a vida lisboeta quasi decorre inteira entre dois santos — S. Carlos e S. Bento, mas d'este me é defeso occupar-me, não só por medida de hygiene publica como tambem por repugnancia particular, forçoso será cingir-me áquelle que aliás, como já a estas horas saberás, tambem teve o seu intermedio comico-burlesco.

De feito, uma linda, lindissima creatura de carne e de peccado, que entre dois goles de champagne formulou o capricho de se exhibir cantando, parece que por desculpavel inadvertencia se tinha esquecido da voz e por muito que mostrasse a garganta não logrou tornar visivel aquillo com que propriamente as melodias se formam.

No emtanto, visto que era deliciosamente harmonica pelo que respecta ás linhas do rosto, parte dos frequentadores do nosso santuario lyrico, condescendentemente fecharam os ouvidos abrindo em compensação desmesuradamente os olhos.

*

Depois, sendo indispensavel voltar aos antigos habitos, e reverter á saudavel pratica de ouvir cantar, Bonci deunos com a *favorita* um Fernando digno de ser amado e sobretudo de ser applaudido.

Recordavam todos com saudade o *spirito gentil* de Gayarre pois o d'este seu sympathico irmão na arte não é tambem para ser olvidado e essa foi a opinião de quantos lh'o sublinharam com applausos clamorosos e justos.

*

E agora abre-se na historia um pouco apagada e parda da actual temporada lyrica um verdadeiro parenthesis de luz com o advento auspicioso e ridente de uma divina e lyrial mulher, mensageira sagrada

das elyseas regiões da Poesia, corporisação formosa de um lindo sonho d'arte...

Venho a referir-me em linguagem á perturbante e tentadora Belincioni que na *Sapho* já arrancára ao fundo das nossas almas o delicioso estremecimento da paixão e que na *Fedora* se elevou n'um arranque de genio ás ceruleas paragens luminosas da eterna Belleza e da immortal Verdade.

Entrar para dentro d'essa estranha mas tão humana criação de Daudet, onde ha carne que soffre e espirito que estúa, e mostrar-nol-a tão viva e tão real como se fosse ella propria; desvendar-nos os mysterios reconditos do seu complicado ser, e traduzir nas linhas da physionomia e nas modalidades da figura a psychologia íntima da peccadora, dando relevo mais do que musical e litterario a uma personagem que nem Massenet com todo o seu aliás muito grande saber tornou bastante impressiva, é produzir uma obra prima de analyse e de estudo, de intuição e de talento!

Ora tudo isso o conseguiu Belincioni não realisando na apparencia um extraordinario esforço, antes parecendo que apenas lhe bastou desdobrar a sua poderosa individualidade n'uma fórma viva que lá dentro tinha!

Mas onde ella nos deixou de todo asombrados, mercê da rutilante chamma em que aos nossos olhos fundiu a heroína da peça de Sardou foi n'essa *Fedora* que nos pareceu mais verdadeira e mais logica tal qual ella a *creou* que como a concebeu o dramaturgo francez.

Quando nos recursos da phantasia e nas circumvoluções do cerebro se encontram tão ineditas e tão transcendentas e preciosas fórmas d'arte e de verdade, é-se por sua vez um genio creador e original, e fica-se a par, quando se não fica a cima, d'aquelle que forneceu o motivo inicial da figura ideada...

A *Fedora* é pois aquella e não a que Sardou porventura delineou, e certamente não esquecerão mais aos felizes que puderam vel-a mover-se e *viver* no palco de S. Carlos certas linhas esculpturales d'essa pobre creatura incongruente, amando até á vingança, vingando-se depois n'aquelle que ama e em poucas horas passando por todos os estados de coração e de espirito que vão da paixão ao crime, do crime á loucura, da loucura ao desespero, do desespero á morte...

Phrases que ella disse, gestos que ella teve, attitudes que ella tomou, scenas que ella fez, não se apagam mais da memoria, e a nossa retina para todo o sempre conservará a impressão sagrada e profunda de um tão luminoso e tão empolgante goso d'arte...

Ah! Divina Belincioni, como se nos transmittiu por momentos a rubra febre abençoada em que tu mesma vibravas, e que te aquecia o sangue, e como agora, que já tão longe estás, reconhecemos desanimados e tristes a enorme differença que existe entre o que é realmente grande e aquillo que é simplesmente correcto!

Mas não avivemos a nossa dôr e bemdigamos os deuses por nos ter sido dado por algumas noites, o inestimavel prazer de conhecer o entusiasmo.

E agora lembremos áquelles que achavam no *André Chenier* apenas melodias á Tosti, com orchestrações á moderna, que essa *Fedora* saiu da mesma penna scintillante e nova, e que quem tem achados como aquelle 2.º acto e como o 3.º com certeza alguém que se ha de impor e que ha de ficar, pois que para isso dispõe do

melhor elixir que ainda se conhece, o qual elixir se chama o talento.

Levará algum tempo Umberto Giordano a dar-nos um trabalho completo e inatacavel? Não tenho procuração das mysteriosas potestades que influem no genio da musica e que a este indicam a frente onde irá um instante fazer ninho, para lhes annunciarmos o dia preciso em que tal succederá, mas julgo não errar calculando que ha de ser breve.

E agora para terminar deixa-me querendo amigo ausente pedir-te que fixes o nome de André Gôñi, o actual regente da orchestra da Real Academia de Amadores de Musica que uma d'estas noites se mostrou aos nossos ouvidos e aos nossos olhos, um violinista notavel entre os notaveis, e um director que já começou a operar milagres.

Arco e batuta de tal quilate são para mais alguma coisa do que para exclusivamente dirigir amadores, e oxalá que uma boa inspiração segrede a varios dos nossos artistas, a fórma pratica de aproveitar um e outra.

Quando o fogo sagrado nos anda perto, afigura-se-me que todos, mais ou menos, deveriamos aproveitar um pouco do seu calor...

AFFONSO VARGAS.

P. S. — Duas palavras apenas sobre a Serrana.

A linda e adoravel Ferrani deu á criação de Alfredo Keil, todos os finos primores do seu talento e toda a ingenita poesia da sua voz, e encarnando-se n'essa ideal figura da nossa terra simultaneamente fez vibrar a nossa alma, de admiração e de reconhecimento.

Perelló, Sammarco, Colli, e todos, pozeiram o melhor da sua vontade e alguns o relevo do seu saber na interpretação dos respectivos papeis. Até a orchestra e os córos por vezes me pareceram outros...

Do trabalho musical de Keil, aliás julgado pelos competentes, direi na proxima chronica, as impressões que em mim despertou.

E ainda duas outras palavras ácerca da *Manon*, preciosa joia de Massenet.

Sthelder sabe, mas a instantes não pôde. Garbin sempre notavel como artista e n'algumas passagens da opera distincto como tenor; Perelló e De Luca mesmo muito bem e os córos e a orchestra mesmo muito mal...

A. V.

ESGRIMA

O mestre José Maria da Silveira

(Continuado do n.º 181)

II

A esgrima nacional

A utilidade dos exercicios athleticos e gymnasticos está hoje reconhecida e demonstrada por todos os que estudam o grande problema da educação moderna. Na lista d'estes exercicios occupa um dos primeiros logares a esgrima, a arte de jogar as armas; sem ella não ha educação completa, porque o homem não precisa sómente saber ganhar a vida, deve, tambem, quando é necessario, saber defendel-a.

A educação physica, até aqui completamente descurada pelos nossos legisladores,

até mesmo numa classe, que mais perfeita a deve ter — a classe militar, vae entrando em um novo periodo: voltaram-se para ella as attentões dos generaes, dos pedagogistas e dos medicos, e a imprensa — no livro e no jornal — advoga incessantemente a sua causa, e concorre para divulgar e enraizar as sãs idéas em assumpto para todos tão interessante.

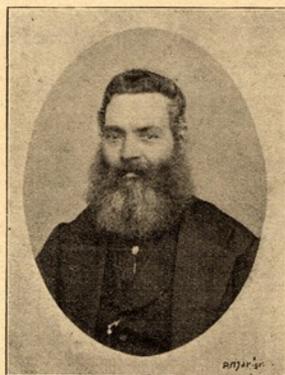
Estas idéas não são novas; bem longe d'isso — tanto ellas são de simples e clara intuição. A antiguidade — a grega e a romana — fornece-nos, na sua historia, innumeradas provas de que, ha ja dois mil annos, era reconhecida a conveniencia de



Francisco Farinha

Discipulo de José Maria da Silveira já fallecido.

desenvolver as qualidades e as forças physicas do homem por um constante exercicio. Os escriptores militares dizem-o nas suas narrativas de guerras. Homero proclama-o nos seus sublimes versos, e Plutarcho — o famoso historiador dos *Homens illustres*, no seu tratado sobre a *Educação das creanças*, recommenda a escola gymnastica, e diz-nos que — *o alicerce d'uma bella velhice é a boa constituição physica, preparada desde a infancia.*



Thomaz Jorge

Mestre da banda dos alumnos cegos da Casa Pia, já fallecido.

Percorrendo os museus da arte antiga, as magnificas estatuas *iconicas*, devidas ao cinzel dos mais celebres esculptores, dão um admiravel testemunho do culto que a Grecia prestava á força physica, quando os seus athletas — nellas retratados — conquistavam, perante as grandes assembleas nacionaes, as palmas e as corôas de vencedores, na lucta e na carreira, nos jogos olympicos!

Ernesto Legouvé — *le plus tireur des académiciens et le plus académicien des tireurs*, como lhe chamam os seus patricios, falando, no seu estudo — *Les salles d'ar-*

mes — do jogo da espada, que elle reclama para a França, como propriedade que só a ella pertence, diz, numa enumeração, que: «os allemães teem o sabre, os hespanhoes a faca, os inglezes a pistola, os americanos o revolver. «Esqueceu-se de nós: Portugal não tem nada!

Conforme o uso antigo dos estrangeiros, quando falam de nós, na lista das nações, ou somos eliminados, ou confundidos, a titulo de peninsulares, com a visinha Hespanha, apesar de andarmos, ha oito seculos, a proclamar, com a espada e com a penna, a nossa existencia distincta na geographia, na historia, na politica e na litteratura!

E ninguém poderá dizer que os nossos arautos sejam poucos e insignificantes; são muitos, e os seus nomes ainda não estão apagados nas paginas da historia: chamam-se, entre os reis, D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. Affonso IV, o do Salado, D. João I, o de Aljubarrota e de Ceuta, o Infante D. Henrique, e das navegações, D. João II, D. Manuel, o grande Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, e o nosso Bayard, Alvaro Vaz d'Almada, conde de Avranches, em França, pelas suas galhardas proezas, e Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, e o terrivel e grande Albuquerque; e Barros, e Gil Vicente, classico em duas linguas, e Vieira, e acima de todos, e um dos primeiros em todo o mundo, o grande épico, e grande lyrico Luiz de Camões!

Primeiros entre os navegadores, descobridores e conquistadores modernos — na data e na grandeza das façanhas — as nossas guerras foram ininterruptas durante seculos, e as batalhas innumeradas; da Africa, da Asia e da America não falemos — tantas são ellas, mas cá na nossa terra ainda temos, para avivar a memoria dos esquecidos — Aljubarrota, Montes Claros, o Ameixial, e todas as gloriosas batalhas que vencemos, desde o Bussaco até ao Nivelle e Toulouse, ao lado e a par, dos exercitos inglezes, nas campanhas do principio d'este seculo, contra os melhores soldados e os maiores generaes de Napoleão!

E entrando em França vencedores, fomos generosos, não praticamos nas suas terras as crueldades, nem commetemos as selvagerias e torpezas, que os exercitos francezes fizeram nas nossas. Confessa-o Bouchot, um dos seus modernos historiadores. Contentámo-nos com a victoria, elles não; violaram e roubaram, e assassinaram os velhos, as mulheres e as creanças!

* * *

Arma primitiva, o pau é a *arma nacional* dos portuguezes, e é a população rural quem a maneja e usa. Por mais polido e ornado que seja, não pode decerto competir com as espadas adamascadas e refulgentes, esbeltas e flexiveis, que, as quaes, com as suas bainhas doiradas e as guardas de fino aço, ou abertas em ouro e prata, são ao mesmo tempo armas e objectos d'arte, para figurarem nas panoplias dos museus e nos armarios dos espingardeiros!

Na escolha das armas, de que se servem, mostram os povos, assim como os individuos, algumas das qualidades physicas ou intellectuaes de que são dotados. O inglez forte e pesado, com o seu fleugma, com as suas mãos grossas e duras, com os braços desenvolvidos, em terra, pelo exercicio das artes do ferro, e no mar pela continua gymnastica de bórdo, serve-se dos seus punhos, com que elle quebra

os dentes, os malares, e as costellas do adversario. O hespanhol, sêco e agil—meio europeu, meio arabe, nas provincias do sul e do centro—usa a faca, a *cuchilla* longa, recurva e cortante—que aberta se assemelha muito ao *yatagan* dos arabes, de que ella parece descender. O americano, povo moderno, inventou o *revólver*—e usa-o, e tral-o consigo, como traz o seu relógio e a sua charuteira. O francez, todo espirito e todo arte, obedecendo ás suas antigas e gloriosas tradições de nobreza e cavallaria, conserva e honra a espada de seus maiores—a espada dos cruzados e dos mosqueteiros—a que brilhou nos campos da Palestina, debaixo das muralhas de Jerusalem, nas mãos de Godefroy de Bouillon; nas guerras da Italia flammejante nas de Bayard—o *sans peur et sans reproche*—a arma dos fidalgos nas batalhas campaes, nos duellos e nos encontros nocturnos, nas ruas e viellas de Paris; a que nas guerras da Republica e do Imperio floream Ney, Lannes e Murat.

Nós tambem fomos homens d'espada, quando a nossa bandeira tremulava, ovan-te e orgulhosa, e nós batalhavam nas quatro partes do mundo; no seu livro *Grandezas de Lisboa*, Fr. Nicolau de Oliveira dá noticia de seis mestres de esgrima—o que quer dizer seis salas d'armas.

As guerras da Restauração, pozeram-a de novo em evidencia, e o mestre de campo Diogo Gomes de Figueiredo, cujo nome se encontra frequentes vezes no *Portugal Restaurado*, foi grande jogador, e o mestre d'armas do principe D. Theodosio.

Frequentes então os desafios, eram a valer, e muitos d'elles mortaes. O proprio Conde da Ericeira, na sua obra, refere-se, entre outros, a um seu, em que recebera tres feridas, e ficaram memorados aquelle no Jogo da Pella, em que mataram o Conde de Vimioso, e o dos Alvitos, no cerco de Badajoz, no qual, dos quatro que alli se bateram, tres ficaram logo mortos, e um, D. Vasco da Gama, gravemente ferido! Eram todos tres mestres de campo de Infantaria, e D. Vasco, o mais novo, capitão na cavallaria. Quando lhes acudiram, já os acharam agonisantes!

Este famoso duello não teve testemunhas para a historia, não sabemos de que foi originada tamanha tragedia! Na propria familia dos Alvitos perdeu-se-lhe a tradição, e o meu amigo, o sr. D. Luiz Lobo da Silveira, interrogado por mim a este respeito, não me poudo esclarecer as trevas em que ficou este sanguinolento episodio.

D. Vasco da Gama era primo dos Alvitos. O outro contendor era Luiz de Miranda Henriques, senhor de Ferreiros e de Tendaes. Fidalgos todos, e d'antiga nobreza.

*
* * *

Encarando esta questão da esgrima de mais alto, vê-se que, assim como as antigas nações, no mundo secular, ella divide-se tambem em duas classes—a esgrima sabia, tradicional e convencional da espada e do sabre—isto é a esgrima aristocratica, inherente a uma classe da sociedade, a que mesmo em França chamavam *gens d'épée*—gente d'espada—e a outra esgrima com as armas naturaes, simples, economicas e ao alcance de todos, as mãos, os pés, e o pau, e esta é a esgrima democratica. Uma predomina nas classes superiores,—a outra é propria do povo rustico e da plebe das cidades—e os povos dão a primazia a uma ou outra, segundo as suas tradições historicas, os seus costumes, e o estado da sua civilização, porque

no grande machinismo das sociedades tudo anda ligado, como no universo: não ha nenhum elemento componente d'estes grandes systemas humanos, que seja e viva completamente independente dos outros.

E isto é tão verdadeiro que é em França, a mais bellicosa das nações modernas, que a esgrima tem sido mais honrada e cultivada. Todas as classes a estimam e apreciam, e, além da espada e do florete, o povo francez tem muito mais jogos do que outro qualquer da Europa:—tem o *chausson*, a *boxe*, que é o *box* inglez já nacionalisado e augmentado, a celebre *savate*, e a *canne*, a arma propria do burguez, e que nós deviamos tambem cultivar.

Legouvé, que é aristocrata e exclusivo na esgrima, chama *ignobil á savate*, sem se lembrar de que nem sempre temos uma espada á mão, que as ocasiões apresentam-se sem se annunciarem, e que não é sempre possivel escolher os adversarios com quem havemos de combater.

Absolvamos portanto, a *savate*, e sirvamo-nos dos pés e das mãos, quando não tivermos outras armas. O que é ignobil e muito mau é ser deslombado, e não poder pagar com a mesma moeda.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁÇA.

VELOCIPEDIA

O clero e o cyclismo—Uma errata importante—Questão politico-sportiva—Contribuições sobre velocipedes na Italia e na Belgica—Bandas marciaes cyclistas—Tricyclo de baloizo—Os 100 kilometros da União franceza—Varias noticias.

Quando ha annos o cyclismo principiou a vulgarisar-se, e alguns padres, attrahidos pelas vantagens do novo meio de locomoção, resolveram utilizar-se d'elle, não só em passeios recreativos como para o exercicio das funcções do seu ministerio, levantou-se a este respeito uma enorme celeuma de discussões mais ou menos violentas e apaixonadas.

Pretendiam uns que o uso da bicycleta era impróprio da seriedade que deve revestir o character sacerdotal; sustentavam outros, ao contrario, que tanto valia, no ponto de vista da seriedade, montar um quadrupede qualquer de carne e osso, como uma simples machina de aço, porque emfim, no dizer do proloquio, «não é o habito que faz o monge».

Sabedores do que se passava, varios bispos prohibiram ao clero, dependente d'elles, o uso da bicycleta; outros, porém, deixaram-lhe completa liberdade de acção, não se pronunciando nem a favor nem contra esse uso.

Na Hungria, o bispo de Szathmar, fugindo á responsabilidade de deliberar sobre o assumpto por auctoridade propria, consultou a Curia, e a 28 de setembro de 1894 a congregação dos purpurados romanos respondia: «a prohibição do velocipede é louvavel porque preserva os padres de perigos corporaes, evita que os fieis se escandalisem e que os sacerdotes caiam no ridiculo».

O que principalmente determinára o bispo a fazer a sua consulta fôra o facto de alguns padres da cathedral organisarem entre si *matches* cyclistas em torno da egreja, com grande admiração, e provavelmente não menor gaudio, dos parochianos.

Mais tarde a questão foi presente ao mesmo tribunal pelo cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, cardeal Santo, patriarcha de Veneza, e Monsenhor Bonomelli,

bispo de Cremona, dos quaes os dois primeiros se manifestavam nas suas consultas adversos ao uso do velocipede, e o terceiro favoravel.

Em presença d'esta divergencia de opiniões, o tribunal deixou aos prelados a liberdade de proceder como melhor entendessem.

Desinteressando-se assim do assumpto a Curia romana, e não se mostrando os bispos, na sua grande maioria, hostis ao cyclismo, o baixo clero não hesitou mais em adoptal-o.

Por isso no estrangeiro, e sobretudo em França, são actualmente numerosissimos os padres que, cedendo ao progresso, fazem uso da bicycleta, reconhecendo-se em geral que esse uso é hoje para elles não uma questão de simples recreio, mas de verdadeira necessidade.

*

Na publicação que fizemos em o numero anterior dos estatutos da U. V. P., além de varios erros de somenos importancia, taes como trocas de letras, faltas de pontuação, etc., sahi em parte completamente deturpado, por virtude de omissão typographica que aliás corrigimos na prova, o art. 28.º Por tal motivo reproduzimos o principio d'esse artigo, que é do theor seguinte:

«As sociedades unionistas, os velodromos e os socios ordinarios pagarão a quota annual que o Congresso fixar; os socios vitalicios satisfarão por uma só vez vinte vezes a importancia da quota fixada para os socios ordinarios, em relação ao anno em que tiver logar a admissão.»

Não temos por costume fazer erratas; mas, no caso presente, julgamos imprescindivel abrir uma excepção, attenta a importancia do documento publicado.

*

Terminou a lucta em que de ha muito andavam empenhadas a *League of American Wheelmen* e a *National Cycling Association*, e a que já tivemos ensejo de referir-nos.

A primeira d'estas federações capitulou, decidindo abandonar por completo o *sport* cyclista, tanto amator como profissional, o que deixa o campo livre á N. C. A. para d'ora ávante intervir de direito, como já intervinha de facto, em todas as corridas velocipedicas dos Estados-Unidos. Quanto á L. A. W. consagrar-se-ha unicamente ao excursionismo, e a todas as questões de interesse geral que digam respeito aos cyclistas.

Esta noticia politico-sportiva é da maior importancia para o cyclismo internacional. E' o restabelecimento da paz na America, onde a lucta entre as duas federações rivaes causava enormes prejuizos aos corredores, á industria dos velodromos e ao *sport* em geral; é o desaparecimento completo das ameaças, que principiavam a surgir, de conflictos entre a *International Cyclists Association* e a *União Velopiedica de França*, em consequencia da decisão, por esta ultima tomada ha mezes, de não mais reconhecer a L. A. W.

Importa portanto a decisão a que nos referimos um triumpho para a *União Franceza*, e ao mesmo tempo um enorme cheque dado na *Associação Internacional*, que sustentava as pretensões da L. A. W., que entretanto, como acima dizemos, teve de capitular.

*

Na Italia, por effeito de uma lei votada pelo parlamento, e que começou a vigorar em 1 de janeiro de 1898, os velocipedes de um só logar pagam annualmente a contribuição de 10 liras, os de mais de um logar a de 15 liras, e os apparelhos identicos aos velocipedes, mas de motor

mechanico, estão sujeitos á contribuição tambem annual de 20 liras.

Claro está que não pagam mais nada, porque a belleza dos sellos, addicionaes diversos, e não sabemos que outras mais alcavallas, isso é exclusivo nosso, e só entre nós existe.

Ultimamente a lei italiana foi regulamentada, e n'esse regulamento estabeleceu, como em França, a adopção de uma placa metálica nos velocipedes, mas fixada ao guidador, e não podendo, como acontece n'aquelle paiz, ser mudada de uma machina para outra.

A contribuição italiana paga-se em fevereiro, e só é obrigatória para as machinas que circulam nas vias publicas.

Na Belgica são precisamente os mesmos o imposto — 10 francos annuaes — e o systema de fiscalisação do seu pagamento — a placa metálica fixada ao guidador por um arame fechado com um sello de chumbo.

E assim, enquanto v'emos lá fóra o cyclismo sujeito tão sómente á contribuições rasoveis, e a um processo facilissimo de fiscalisação do respectivo pagamento, entre nós governo elegisladores procuram aniquillar-o por meio de extorsões repugnantes e inaceitaveis, e ainda por cima acclamam os agentes policiaes, como lebreus famintos, contra os cyclists! Se não houvesse muitos outros motivos, bastaria este para mostrar que somos um verdadeiro paiz de selvagens, acantoados n'este extremo occidente da Europa.

Os cyclists belgas são, ao que parece, extremamente amadores de musica, pois tem organizado algumas bandas marciaes cyclists.

Estas bandas exigem duas ou tres tripletas, cinco ou seis tandems, e, sendo possivel, um tricyclo.

Os clarinetistas e flautistas tomam logar, ou na segunda sella de um tandem, ou nas duas ultimas de uma triplaeta.

Da mesma forma se transportam todos os demais tocadores de instrumentos que exigem o emprego das duas mãos.

O tocador de bonbo vae em bicycleta, pois que o seu instrumento é reduzido ás proporções strictamente indispensaveis, e fixado no guidador. Branda a maçaneta com uma das mãos, e com a outra dirige a machina.

Um outro cyclist toca os pratos, dos quaes o inferior é fixado ao guidador, e tem ao meio uma haste revestida exteriormente de uma mola em espiral, na qual assenta o segundo prato, que é atravessado pela haste, cuja parte superior entra n'uma bainha ligada a este prato. Basta por tanto carregar na bainha para tocar os pratos, que a mola separa constantemente.

Os cyclists que tocam tambor, e o regente batendo o compasso, tomam logar em tandems ou tripletas.

E assim se organisa a musica e se põe a caminhar.

Se algum dos nossos clubs cyclists quizer organizar uma banda como as da Belgica, ahi ficam, summariamente, as indicações precisas para o fazer.

Uma nova invenção, que se diz originaria da California, consiste n'um tricyclo de baloico. A pessoa que se transporta n'este tricyclo, em logar de fazer uso dos braços ou das pernas para accionar, conforme o caso, manivelas ou pedaes, assenta-se n'uma cadeira de baloico, e faz com que o corpo pendá alternadamente para diante e para traz. O movimento das emballadeiras, que assentam sobre molas, transforma-se em movimento de rotação, que se transmite ás rodas trazeiras, que são as motoras. Deve ser um excellent exercicio que os medicos talvez prescrevam aos seus clientes, cujos musculos abdominaes se mostrem debilitados.

A União Velocipedica de França approvou uma proposta que lhe foi apresentada, para que o tempo das provas de 100 kilometros da mesma União, que até aqui era de 6 horas, baixasse a 5 horas.

Em 31 de dezembro ultimo o *Touring-Club Italiano* contava 17.000 socios, e o seu balance annual accusava um saldo positivo de 69.956 liras — cerca de 14 contos de réis.

Embora longe da extraordinaria prosperidade do seu homonymo francez, é innegavel que o *Touring-Club Italiano* se encontra em excellentes condições.

Uma curiosa phrase attribuida a um general francez:

«O pé do homem é admiravel; reconhece-se que a natureza, ao creal-o, o destinou ao pedal da bicycleta.»

Verdadeiramente pyramidal!

Os *Perfis Contemporaneos*, no seu ultimo numero publicado, inseriam, sob a rubrica *Sport Cyclista*, o retrato do nosso prezado amigo Julio Correia de Sá. E' de inteira justiça a homenagem prestada por aquella elegante revista ao nosso amigo, que no periodo em que o *sport cyclista* teve em Lisboa maior voga, foi, como amator, um dos corredores que mais se distinguiram e mais brilhantes provas alcançaram. Actualmente Correia de Sá abandonou de todo, segundo cremos, as corridas velocipedicas, mas não deixou por isso de continuar a ser um verdadeiro entusiasta do cyclismo, como o tem provado na parte activa por elle tomada na fundação da União Velocipedica Portuguesa.

MAGALHÃES FONSECA.

Alvitres ás bicycletas principiantes

(Continuado do n.º 180)

EMPREGO DO FREIO. — É este um ponto muito importante. É indispensavel que toda a bicycleta esteja munida d'um freio; mas a corredora deve contar com o movimento dos recuos dos pedaes, mais ainda do que com o do freio.

Se a bicyclista se vê obrigada a servir-se do freio, deve fazel-o funcionar devagar, e nunca apertal-o bruscamente, como costumam fazel-o algumas senhoras cyclists demasiado nervosas.

O freio tem por objectivo dar impulso á bicycleta ou diminuir a sua velocidade, e não fazel-a parar, instantaneamente na sua marcha: exceptuando-se, todavia, na evidencia de um perigo grande.

PEDALAGEM DE RECUOS. — Uma principiante deve exercitar-se a pedalar em recuos, o que é facilissimo, bastando muitas vezes, este movimento para fazer parar a machina sem a fatigar, como succede com o freio. O pé oppõe-se ao movimento d'ascensão do pedal, e não faz senão seguir-o quando desce. É preciso estar-se um tanto habituada a isto, sendo esta aptidão dispensavel a uma completa bicyclista.

CORRER SEM PÔR AS MÃOS NA MANIPULADOR. — Quando uma principiante tem plena confiança em si, pecca muitas vezes por excessos de ousadia: e não é raro vel-a sem as mãos no manipulador, ou guiar com uma só mão. É incontestavelmente muito agradável apresentar esta prova de habilidade: mas as ruas d'uma grande cidade, sempre cheias de gente, não são logares muito apropriados para tal ostentação, sendo, alem d'isso, acto de muito mau gosto para uma senhora o expôr-se assim a esse espectáculo. É necessario, comtudo, saber andar, dirigindo o manipulador com uma só mão, para não ser obrigada a descer, a cada passo, quer para enxutar uma mosca que nos persegue, quer para compôr uma madeixa de cabelos, ou ainda para fazer uso do lenço d'algiebeira.

Convem que os exercicios se iniciem em caminho bem unido, de declive suave, e tirar a mão esquerda primeiramente.

PERCURSO DAS SUBIDAS. — As subidas, no principio, são o tormento dos bicyclistas: imaginam as senhoras ser prova de falta de coragem ou de ousadia o pôr o pé em terra, e transportar a subida rebocando a sua machina. Comtudo é o que ha de melhor a fazer, ainda que se não esteja cansada ou com poucas disposições para isso: mas muitas vezes, n'uma marcha socegada, fazendo zig-zigs e reservando-se para o alto da subida, pôde-se atingir o cume, sem precisão de descer da machina. Será inutil accrescentar que esta marcha em zig-zags não pode praticar-se senão quando o caminho está deserto. Este methodo auxilio a corredora na sua tarefa quando ignora a rizeja do declive, e quando presta toda a sua attenção em sustentar a machina com o menor dos esforços possivel. Urge apertar com força o manipulador para assegurar a direcção quando se vae muito devagar. E' só pela experiencia que se consegue obter a precisa confiança para descer as rampas. E é prova de prudencia pôr sempre o pé em terra para descer um declive que se não conhece, e cuja extremidade se não vê, porque n'uma volta de caminho podemos nos chocar com algum perigoso obstaculo. E' preciso ligar a maior importancia aos avisos dados pelos postes indicadores, collocados pelas sociedades cyclists.

PERCURSO DAS RUAS. — Todo o senhor cyclist deve conhecer as disposições das posturas municipaes, evitando assim as suas transgressões quando se encontra n'uma bicycleta. Ha muitas senhoras que parecem ignorar os direitos conferidos aos conductores de carroças, carruagens etc., julgando que todos os processos de locomoção lhes devem ceder logar. Uma principian-

te não deve arriscar-se, logo de relance, ás ruas apinhadas de vehiculos: deve, sim, habituar-se a percorrer-as pouco a pouco, e no fim de certo tempo verá que tudo isto não é tão feio como é primeira vista parece.

Porto, janeiro de 900.
Trad.

BÉKA.

CORRESPONDENCIA

Falla-se na reconstrução do Theatro Academico, sympathico clamor... com a sua reconstrução viria o Club Academico onde n'um vasto salão de educação physica os estudantes nas vespersas de feriado fugissem ás mil e uma asneiras para que a mocidade é propensa, e se refizessem physicamente da vida sedentaria a que em geral os obriga a sua applicação intellectual. Não diminuindo o «surmenage» propria das 20 primaveras e augmentado o trabalho intellectual na Universidade, Coimbra será d'entro em breve (riam-se muito embora os anti-sportivos), se não mudarem as circumstancias em que actualmente vivem os rapazes, um fóco de tuberculosos e neuresthenicos. Os factos principiam a comprovar o que acabamos de dizer, assim, se com probabilidades podemos afirmar que 15 % dos alumnos da Universidade apresentam symptomas de «neuresthenia», infelizmente podemos afaçar que desde o primeiro anno ao ultimo do nosso curso 5 condiscipulos nos foram arrebatados pela «tuberculose» triste consequencia de entre nós nada oficialmente se fazer em favor da cultura physica.

Devido á iniciativa de E. Alves de Sá e J. C. de Tavares anda-se procedendo á construção d'um campo de Lauw tennis no bairro de Santa Cruz

— Amanhã 11 organisará a secção Velocipedica do Gymnasio de Coimbra o 1.º passeio official d'esta epocha.

— Tomou posse a nova Direcção do Gymnasio que ficou constituída por: Dr. José da Motta Elyseu (presidente), Joaquim Monteiro de Carvalho (1.º secretario), José Gomes Tinoco (2.º secretario), Antonio José Fernandes (thesoureiro), Carlos Aguiar (vogal), Mario da Silva Gayo (vogal), Luiz Villela d'Abreu (vogal).

Que manifeste uma actividade sem interrupção e uma iniciativa intelligente é nosso desejo que desde já julgamos será realisado.

Coimbra, 10-3-900.

ZICO PEDAL

DIVERSAS

Real Velo-Club do Porto

Recebemos e muito agradecemos o relatório, contas da gerencia e parecer do conselho fiscal d'esta associação velocipedica, relativos ao anno de 1899. Por esses documentos, que lemos com a attenção que nos merece tudo quanto se relaciona com o *sport* nacional, vê-se que a direcção, que esteve á frente do Real Velo-Club Portuense no anno findo, foi verdadeiramente incançavel em promover o desenvolvimento e a prosperidade do mesmo club, tanto no que respeita ás suas condições economicas e financeiras, como ás vantagens e commodidades offercidas aos associados, procurando ao mesmo tempo, com o mais louvavel zelo e dedicacão, defender os interesses do cyclismo portuense.

Escasseia-nos o espaço para fazermos um resumo do minucioso e bem elaborado relatório, por todos os motivos digno de interesse.

Todavia mencionaremos, de entre os factos que elle consigna, os importantes melhoramentos introduzidos no Velodromo Maria Amelia, as grandes reformas feitas na sede do Club por iniciativa de um grupo de socios constituídos em commissão, a installação de uma sub-sede social na Foz do Douro, destinada aos socios não só d'esta localidade como de Mattosinhos e Leça da Palmeira, e emfim as diligencias empregadas pela direcção, mas infelizmente mallogradas, para que o parlamento não approvasse a absurda e injustificavel contribuição sumptuaria sobre velocipedes, e o sello da licença para uso dos mesmos.

Por ultimo diremos que o numero total de socios do Real Velo-Club Portuense ficou sendo, em 31 de dezembro de 1899, de 580. E concluindo, fazemos votos para que continue em crescentes prosperidades a importante e sympathica aggremação a que nos referimos.

DEPURATIVO DIAS AMADO

(SEM MERCURIO)

Analysado pelo ex.^{mo} sr. dr Augusto Rocha e mr Charles Lepierre, da Universidade de Coimbra.

Este maravilhoso preparado pharmaceutico, de sabór e aroma muito agradaveis, pode ser tomado por adultos e crancas em qualquer epoca do anno. E' o melhor de todos purificadores do sangue até ao presente conhecidos e tem sido empregado sempre com feliz exito no tratamento da syphilis e do rheumatismo, molestias de pelle, feridas antigas, padecimentos do estomago, etc., etc.

Deposito geral — Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo, 99 e 101. — LISBOA.

PREÇO DE CADA FRASCO 1\$000 RÉIS

Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.^a New York America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes.

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas Espanha cães.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY



GREATEST TRICYCLE FACTORY IN THE WORLD

POPE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.
NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

CAÇADAS PORTUGUEZAS

Paizagens — Figuras do Campo

POR

ZACHARIAS D'AÇA

COM O RETRATO DO AUCTOR

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias.

CYCLISTAS !!

A CLEMENT em 1900, continuará, como em 1899 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Preferam a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris. — Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º

CAMBIO

LOTERIAS

Papeis de credito

João Vierling & C.^a

Rua do Arsenal
44 e 46

PRAÇA DO MUNICIPIO
1, 2 E 3



FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS

M. A. BRITO

Santo Amaro á Junqueira

LISBOA

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo
Frutas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

AOS CAÇADORES

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Franceza d'Armas de St. Etienne — França.

Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura

T. DE S. DOMINGOS, 50 A 56

LISBOA

POR 500 RÉIS SEMANAES



105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

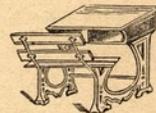
PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, perca linas, chagrins, agathas; papeis marmoreados, papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfoso, 148

LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas), Caes do pico e Fayal.



Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio Xavier d'Andrade no dia 24 do corrente ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.